

## MITOS E VERDADES SOBRE OS "CORAIS DA FOZ DO AMAZONAS"

*Figueiredo Jr., A.G.;*  
Universidade Federal Fluminense

A plataforma continental do Amazonas iniciou a deposição de sedimentos marinhos com a abertura do Atlântico Equatorial no Paleoceno, por volta de 65 milhões de anos. Um mar raso, sobre uma extensa plataforma e ainda sem a influência da pluma de sedimentos do Rio Amazonas, proporcionou o ambiente ideal para o desenvolvimento de uma plataforma carbonática. Esta plataforma se desenvolveu ao longo de 60 milhões de anos, atingindo uma espessura máxima de 2.500m. Posteriormente, com o soerguimento dos Andes, no lado Oeste da América do Sul, e o rebaixamento do Arco de Purus na Bacia Amazônica, por volta de 8 milhões de anos, forçou o fluxo do rio no sentido do Atlântico. A sedimentação siliciclástica oriunda desta inversão cobriu a plataforma carbonática, atingindo espessuras de até 2.000m, próximo à foz do rio, e assim inibindo a continuidade da deposição carbonática. Variações do nível do mar fizeram com que o sedimento siliciclástico, que além de cobrir a plataforma carbonática, parte dele fosse dirigido através de cânions para oceano profundo, dando início à formação do leque submarino do Amazonas. Bem mais tarde, por volta de 18 mil anos, ao final do último glacial máximo, o nível do mar caiu cerca de 120m abaixo do atual, deixando a borda da plataforma continental do Amazonas em águas rasas e até exposta em alguns pontos. Neste momento, o fluxo sedimentar do Rio Amazonas estava totalmente direcionado ao cânion homônimo, e o sedimento siliciclástico mais uma vez foi dirigido ao leque submarino. Na borda de plataforma, ao norte do cânion, era iniciado o desenvolvimento de recifes carbonáticos de borda de plataforma. Na medida em que ocorria a elevação do nível do mar durante o início do Holoceno, a cerca de 11 mil anos, os recifes carbonáticos se desenvolviam verticalmente, em uma tentativa de acompanhar esta subida de nível de base, sendo finalmente "afogados". Atualmente estes recifes estão a uma profundidade entre 80 e 120m e são basicamente constituídos de algas calcárias, em sua maioria mortas, além de esponjas. Datações de sedimentos carbonáticos superficiais indicam idades entre 14 e 20 mil anos. Nesta região, o ambiente é lamoso e, portanto, não favorável à deposição carbonática. A falta de conhecimento científico tem propalado a visão da existência de "recifes coralinos" vivos na foz do Amazonas, induzindo leigos a uma falsa campanha de preservação. Na verdade, não são observados corais e algas calcárias vivos, nas áreas onde estão os blocos exploratórios para petróleo. Nestas áreas ocorrem apenas recifes mortos e parcialmente soterrados, não estando localizados na foz do Rio Amazonas, mas sim na borda da plataforma, a pelo menos 300km da desembocadura. Este trabalho visa contribuir para o esclarecimento da comunidade científica, bem como da população em geral, sobre a inexistência de impactos ambientais a esta suposta comunidade bentônica, cientificamente embasado em estudos geológicos e oceanográficos. Pretende, desta forma, elevar esta discussão a um patamar científico, apolítico, sem paixões e isento de interesses econômicos, permitindo que o desenvolvimento desta remota região brasileira possa ocorrer de forma sustentável e pungente.

**PALAVRAS-CHAVE:** FOZ DO AMAZONAS; CORAIS; DESENVOLVIMENTO.